

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA ROTA DO CAFÉ:
APONTAMENTOS DO PROJETO
DE ESTUDO GEOLINGUÍSTICO
NO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ**

Thiago Leonardo Ribeiro (UEL)
thiagoleonardoribeiro@gmail.com

Fabiane Cristina Altino

RESUMO

O presente trabalho tem por mote principal registrar a herança lexical deixada pelos colonizadores das cidades que compõem a Rota do Café, realizando o devido registro e estudo geolinguístico, considerando a importância da cultura do café para o Brasil e, especialmente, para a região norte do Paraná. Descreveremos e analisaremos as respostas às perguntas do questionário elaborado a partir de estudos já publicados e dos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (2001) e *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (AGUILERA, 1994). Apoiados nos princípios da dialetologia, da geografia linguística, da lexicologia e da sociolinguística, principalmente em Coseriu (1987), Tarallo (1999) e Thun (2005), pesquisadores da variação linguística, o estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que trataremos da perspectiva diatópica, diagenérica e diageracional e diastrática. Ao todo, serão inquiridos 40 informantes, quatro entrevistados nos dez pontos estabelecidos, um homem e uma mulher de 30 a 50 anos, e um homem e uma mulher de 60 a 80 anos, com, no máximo, o nível fundamental I de escolaridade. Seguindo com transcrição grafemática, análise dos dados e cartografia das lexias mais destacadas pela representatividade do falar regional, frequência e riqueza da variação lexical. Pretendemos, com a análise dos dados, inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores de Minas Gerais, São Paulo, Itália, Alemanha e Japão, dentre outros, analisando a fala dos mais idosos e o que permanece na fala dos mais jovens. Por fim, a contribuição deste trabalho é para a descrição da língua portuguesa falada nesta região do Paraná. Esta comunicação se constitui de um recorte da pesquisa em que pretendemos discutir a metodologia e a fundamentação teórica adotadas.

Palavras-Chave: Variação lexical; Geolinguística; Rota do Café; Paraná.

1. Introdução

O presente trabalho tem por mote principal registrar a herança lexical deixada pelos colonizadores das cidades que compõem a *Rota do Café*, realizando o devido registro e estudo geolinguístico, considerando a importância da cultura do café para o Brasil e, especialmente, para a região norte do Paraná.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Amparados pelo Projeto de Turismo *Rota do Café*⁵⁸, lançado em 2009 e ainda em desenvolvimento pelo SEBRAE/PR, que proporciona aos visitantes uma oportunidade única e envolvente de volta às origens, conhecimento da história e vivência dos atrativos naturais e culturais do norte do Paraná, com roteiros elaborados de acordo com o perfil e necessidade de cada cliente, com visitas às fazendas históricas, centros culturais, restaurantes rurais e lugares pitorescos, propomo-nos a investigar a fala de moradores das cidades que compõem esse trajeto que parte de Ribeirão Claro e segue por Cambará, Santa Mariana, Uraí, Ibiporã, Cambé, Rolândia, Londrina, São Jerônimo da Serra e chega a Tamarana.

Assim, entendemos que estudos desta natureza, como nos trazem Razky et al. (2012, p. 38) citando Alves e Barros (2009, p. 15), propiciam o conhecimento do léxico de determinada comunidade, permitindo-nos: i) observar a leitura que essa comunidade faz de seu universo linguístico-cultural e ii) preservar parte de sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural, além de possibilitar o registro e a documentação da diversidade lexical.

Para Tarallo (1999, p. 14), a língua pode representar “um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

Nas palavras de Aguilera (1998, p.99), o “Paraná é um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas diversificadas, [...] assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive e sobretudo os linguísticos”.

2. *Sobre o café no Brasil e no Paraná*

Historicamente, o café chegou ao norte do Brasil⁵⁹, em Belém, em 1727, trazido da Guiana Francesa para o Brasil pelo Sargento-Mor Francisco de Mello Palheta a pedido do governador do Maranhão e Grão-Pará, que o enviara às Guianas com essa missão. Já naquela época o café possuía grande valor comercial. Palheta aproximou-se da esposa do go-

⁵⁸Vale ressaltar, que utilizamos a *Rota do Café*, empreendida pelo SEBRAE, por julgar importantes tais destinos para o estudo da linguagem da região norte do Estado do Paraná.

⁵⁹ Disponível em <<http://www.rotadocafe.tur.br/pt/historico.php>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

vernador de Caiena, capital da Guiana Francesa, conseguindo conquistar sua confiança. Assim, uma pequena muda de café Arábica foi oferecida clandestinamente e trazida escondida na bagagem desse brasileiro.

Devido às nossas condições climáticas, o cultivo de café se espalhou rapidamente, com produção voltada para o mercado doméstico. Em sua trajetória pelo Brasil o café passou pelo Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Num espaço de tempo relativamente curto, o café passou de uma posição relativamente secundária para a de produto-base da economia brasileira. Desenvolveu-se com total independência, ou seja, apenas com recursos nacionais, sendo, afinal, a primeira realização exclusivamente brasileira que visou à produção de riquezas.

A região norte do Paraná, com terra roxa e muito fértil, era até poucas décadas atrás uma extensa floresta inexplorada. Por volta dos anos 40, esta região passa por uma grande transformação com o surgimento do café. O impacto econômico e social provocado pela cultura cafeeira pode ser comparado, sem exageros, aos impactos da cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro no período colonial, ao do ouro na região das Minas Gerais no século XVIII. Nesta região, o café transformou vazios geográficos em regiões prósperas e urbanizadas. Através dele, surgiram vários municípios, atraindo várias ondas migratórias, tanto de mineiros e paulistas, como de imigrantes europeus e asiáticos que juntamente com os brasileiros de diversas regiões, proporcionaram uma especificidade cultural singular.

Até a década de 70 o café gerou centenas de milhares de empregos, colocou alimento nas mesas de milhares de famílias e gerou muita riqueza, a ponto de ser o maior produtor nacional. A cultura cafeeira proporcionou oportunidades nas diversas etapas de sua produção: no plantio e capina das roças; na colheita, na comercialização e transporte até as máquinas de beneficiamento. Sem dúvida, o ciclo do café contribuiu de forma significativa e única para a formação deste Norte do Paraná forte, independente e diferente.

No *Almanaque Abril* (2011, p. 663) consta que a população dessa área foi formada por imigrantes europeus que começaram a chegar ao final do século XIX, contribuindo para o desenvolvimento da economia, baseada na pequena propriedade rural de policultura. Os índios ocupavam a região na época do descobrimento; espanhóis e portugueses chegam com as missões jesuíticas; e os negros são trazidos como escravos.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Italianos, eslavos e alemães se fixam no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, açorianos colonizam o litoral; alemães, a região norte; e italianos, o planalto e a porção oeste. No Paraná, fixam-se italianos, alemães e japoneses. Entre 1920 e 1970 cai a imigração, mas melhora a qualidade de vida, o que aumenta a migração interna, sobretudo de paulistas e mato-grossenses, para as lavouras do norte do Paraná. A partir dos anos 1970, com o êxodo rural, as famílias começam a voltar para São Paulo. No governo militar, há emigração para colonizar a Amazônia, principalmente paranaenses e gaúchos partem para Mato Grosso e Rondônia.

O estado do Paraná, cortado pelo trópico de Capricórnio ao norte, possui temperaturas amenas, o que constitui um dos fatores de atração de imigrantes europeus no fim do século XIX. A economia é inicialmente marcada pelo cultivo de café nas férteis terras roxas e o estado passa a ser depois, o maior produtor de grãos do país.

No século XVI, a região do atual estado é uma área remota da capitania de São Paulo, e os portugueses iniciam um lento povoamento limitado à baía de Paranaguá. No século seguinte, os bandeirantes paulistas organizam frequentes expedições armadas para capturar índios. Até então, colonos e jesuítas espanhóis são os principais povoadores de Paranaguá, no litoral, e de Curitiba, no planalto – onde nascem as vilas mais importantes.

No século XVIII, durante o ciclo do ouro em Minas Gerais, o Paraná fica em uma posição secundária na capitania, com uma economia de agropecuária de subsistência. Sob o Império, em 1853, o Paraná torna-se província independente, e, no fim do século, já na República, a economia é impulsionada pelo cultivo da erva-mate, a seguir pela exploração madeireira e pelas lavouras de café.

A expansão cafeeira nas férteis terras roxas do norte atrai migrantes de outros estados, além de imigrantes europeus e japoneses. Esse desenvolvimento, no entanto, não ocorre sem conflitos. Entre 1912 e 1916, camponeses pobres enfrentam forças federais e estaduais na defesa das terras e de sua crença religiosa, na região do Contestado, divisa com Santa Catarina. Na época, a região é disputada pelos dois estados.

No início do século XX, passam a atuar grandes companhias de colonização, como a inglesa Paraná Plantation. Surgem, assim, as cidades de Londrina e Maringá, que se tornam importantes centros produtores de café entre os anos 1950 e 1970.

As mudanças econômicas, sobretudo na agroindústria, trazem prosperidade, mas também problemas sociais, particularmente no campo. Estima-se que, na década de 1970, pelo menos um milhão de pequenos proprietários e trabalhadores rurais tenham perdido sua terra e o emprego. Esse quadro é atribuído à concentração de terras, favorecida por uma geada, em 1975, que dizima as lavouras. Muitos agricultores sem terra se tornam boias-frias, outros migram para as regiões Norte, Centro-Oeste ou para o Paraguai. Os que ficam começam a se organizar num movimento de luta pela terra, dando origem ao atual Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). O aumento do êxodo rural, nos anos 1980, contribui para um acelerado e tardio processo de urbanização do estado, que não conta com um mercado industrial e de serviços capaz de sustentá-lo.

3. *Arcabouço teórico*

Apoiados nos princípios da dialetologia, da geografia linguística, da lexicologia e da sociolinguística, principalmente em Coseriu (1987), Tarallo (1999) e Thun (2005), pesquisadores da variação linguística, o estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que trataremos da perspectiva diatópica, diagenérica e diageracional e diastrática.

A geolinguística, hoje um ramo da dialetologia, consiste em um modo de estudar a diversidade da linguagem por meio de atlas linguísticos, uma série de mapas do mesmo território, sendo um mapa para cada conceito ou fonema (série de fonema), cuja existência tenha sido comprovada pelo investigador numa rede de pontos (localidades) previamente estabelecida (COSERIU, 1987, p. 82).

Bassi e Margotti (2012, p. 50) corroboram o alegado, versando que

A Geolinguística ou a geografia linguística, conforme Elizaincin (1992), foi o método mais calculadamente elaborado dentro da dialetologia, já que se preocupava com a diatopia e com o resgate de antigos dialetos regionais. Desse modo, é bom não confundir dialetologia e geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetologia.

Na visão de Barbosa-Doiron (2010, p. 115),

Cabe à dialetologia descrever, examinar e compreender de que forma elementos de ordem sócio-históricas operam nos falares regionais de uma língua. Já à geolinguística, atrelada aos estudos dialetológicos, compete reproduzir e classificar, dentro de um espaço delimitado, por meio de mapas e cartas específicas, as variações dialetais registradas em dado grupo social.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na busca por um retrato linguístico das diversidades regionais, conforme afirma Altino (2009, p. 34), temos a migração, o contato entre as culturas, o menor ou o maior grau de acesso à mídia e à escolaridade, entre outros fatores, contribuindo para que a língua seja cada vez mais dinâmica e sofra mudanças continuamente.

A autora ainda nos informa que o Estado do Paraná é um dos pioneiros nos estudos dialetológicos, com a publicação do *Atlas Linguístico do Paraná* em 1994 – resultado da tese de doutoramento da Profa. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) em Letras pela UNESP-Assis (1990). Observando que o estudo do português falado neste Estado pode ser dividido em duas fases: uma que abrange o final do século XIX até a década de 40 do século XX e a outra fase que se inicia na década de 50 do século passado e chega aos nossos dias.

Sobre o início do estudo do léxico paranaense destaca

Foi a partir do trabalho do General José Cândido da Silva Muricy, apresentado por Andrade Muricy durante o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada no Rio de Janeiro (1938), que o estudo do léxico paranaense passou a tomar corpo. Segundo Andrade Muricy, o General empenhou-se em descrever suas viagens pelo interior do Estado e, em sua obra, relacionou 236 vocábulos dispostos em ordem alfabética contendo explicações de uso ou significado do dialeto falado no Extremo Oeste paranaense. (ALTINO, 2009, p. 38)

A seguir elencamos trabalhos acerca do léxico no Paraná que merecem ser destacados, como nos mostra a autora: *Algumas vozes Regionais do Paraná do Extremo Oeste* (MURICI, 1938); *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981); *Aspectos Linguísticos da Fala Londrinense: Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO* (AGUILERA, 1987); *Áreas Fonéticas do Paraná* (MERCER, 1992); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); *Aspectos Linguísticos da Fala de Cândido de Abreu: um Estudo Geossociolinguístico* (LINO, 2000); *Glossário da Fala Rural Paranaense* (RODRIGUES, 2000); *Pelos Caminhos da Geolinguística Paranaense: um Estudo do Léxico Popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001); *Do Presente ao Passado: um Olhar sobre o Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 2002); *Medicina Caseira Paranaense: um Estudo Geolinguístico* (Souza, 2005); *Em Busca de uma História para o Léxico Rural Paranaense* (RODRIGUES, 2007); *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II* (ALTINO, 2007); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO* (BUSSE, 2007); *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um Estudo em Tempo Real e Tempo Aparente* (ROMANO, 2012).

Todos contribuindo, assim, para a preservação, compreensão e disseminação dos fatos linguísticos.

Nesse viés, corrobora Isquierdo (2012, p. 124)

[...] dá a importância do registro do léxico regional em obras lexicográficas e em atlas linguísticos como forma de perenização de determinadas formas que foram representativas de um momento da história da língua e da cultura de um povo e que são substituídas por outras no decurso dessa história.

Em estudo de Aguilera e Altino (2012, p. 878), encontramos uma citação de Romano em coautoria com Aguilera (2009), que, dentre outras considerações importantes para os estudos de natureza geolinguística e lexicológica, destacam a importância dos estudos geolinguísticos como fonte segura para os lexicógrafos.

Ainda, sobre o levantamento de dados semântico lexicais, as autoras defendem que

permite organizar a apresentação do universo vocabular para as respostas obtidas às questões, segundo alguns critérios, como: arcaísmos, brasileirismos, criações neológicas, variações no âmbito da diatopia, dialetismos, formação dos vocábulos, africanismos, vestígios das línguas indígenas; coletados nas entrevistas e que poderão ser apresentados nas cartas semântico-lexicais (2012, p. 879).

A respeito da capacidade da fala de representar de diferentes formas a realidade, mesmo em comunidades homogêneas, Busse (2008, p. 02) apregoa que

é possível perceber essa realidade, que se coloca como uma réstia por onde se vislumbram sombras do passado que se unem como elos da história. A fala resguarda nos seus traços mais diversos e específicos o presente e o passado, reconstruindo o trajeto dos grupos no espaço e no tempo.

A citada autora, sobre o fenômeno da variação, diz que “a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiro documento do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas” (2008, p. 02). E continua, dizendo que um atlas registra por onde estão distribuídas as variantes linguísticas, além de conduzir a estudos das condições de aparecimento ou não de dado fenômeno.

Tarallo (1999, p. 08) acerca do termo variantes linguísticas apregoa que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A língua falada referida acima é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social; é o vernáculo, momento em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação, que se constitui no material básico para a análise sociolinguística. (TARALLO, 1999, p. 19)

E para alcançar tal intento, conforme Lavov (2008, p. 244), devemos descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, mas só podemos obter esses dados por meio da observação sistemática.

O autor ainda nos informa que para superarmos o *paradoxo do observador*, temos que acabar com os constrangimentos da situação de entrevista, desviando a atenção dos falantes, permitindo que o vernáculo venha à tona. Uma técnica é fazer vários intervalos e pausas, para que a pessoa presuma que não está sendo entrevistada. Outra é envolver a pessoa com relato de experiência, com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes experimentadas no passado, como por exemplo, pergunta que lida com o risco de morte. Geralmente a pergunta implica uma resposta sim ou não, e uma vez que o informante reconheceu o fato, passa a fazer o relato para não parecer que fez afirmação falsa (2008, p. 245).

4. Sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

A respeito do Projeto ALiB⁶⁰, cabe-nos dizer que surgiu do compromisso de elaborar um atlas nacional, retomando a ideia dos linguistas brasileiros do início da segunda metade do século XX, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, ocorrido em Salvador/BA, em novembro de 1996, assessorados pelo pesquisador francês Michel Contini (Universidade de Grenoble). Este atlas possuiria uma metodologia única e revelaria a realidade linguística brasileira (ROMANO, 2013, p. 218). Remetemo-nos, então, ao Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que incumbia a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa da elaboração do atlas linguístico do Brasil.

O projeto é dirigido por um Comitê Nacional e por coordenadores regionais e objetiva descrever a língua portuguesa no Brasil, documen-

⁶⁰ Mais informações no site *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

tando as variações diatópicas, diastráticas, diageracionais e diagenéricas (diassexuais), sendo, portanto, um atlas pluridimensional. Conta com questionário, para a constituição do *corpus*, que aborda aspectos fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, pragmático, semi-dirigido, metalinguístico e uma parábola (texto) para leitura. O questionário semântico-lexical (QSL) é formado por 202 perguntas dos tipos *namming* (onomasiológica), *completing* e *inversing*, pretendendo documentar os registros coloquiais do falante, as variantes mais usadas na localidade. Para tanto, está estruturado em 14 áreas semânticas, como alimentação e cozinha, religião e crenças, vida urbana, dentre outras. (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001)

Este instrumento foi aplicado para a coleta de dados em 250 pontos (selecionados por critérios demográficos, históricos e culturais), em entrevistas com informantes de duas faixas etárias (de 18 a 30 e de 50 a 65 anos de idade), de ambos os sexos, por todo o país (interior e capital). Em cada localidade do interior quatro informantes de nível fundamental, e, nas capitais, além desses, mais quatro de nível superior.

Mister se faz destacar o importante papel do ALiB na formação da mentalidade dialetológica e no estabelecimento e discussão das diretrizes norteadoras do trabalho do geolinguista no Brasil.

Os pressupostos metodológicos do ALiB (1996), um marco nos estudos dialetológicos, influenciou sobremaneira a elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, e demais trabalhos científicos, como monografias, artigos, dissertações e teses.

5. Sobre pluridimensionalidade

Estudos como o nosso podem ser enquadrados como produtos pluridimensionais, ou multidimensionais, uma vez que se encaixam na classificação proposta por Thun, encontrada no trabalho de Razky (2013, p. 253)

Thun (1997, 1998 *apud* ALTINO, 2007) propõe uma classificação dos atlas linguísticos em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Para ele, os atlas monodimensionais estão focados na dimensão espacial e, por isso, permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Os atlas bidimensionais, por outro lado, além da dimensão geográfica, contemplam outra dimensão: diagenérica ou diageracional. Já os atlas pluridimensionais focalizam, além da dimensão geográfica, duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diagenérica, diafísica etc.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Para Thun (2005, p. 63), a pluridimensionalidade está presente desde os inícios da dialetologia românica, quando Dante Alighieri, em *De Vulgari Eloquentia* (I, cap. X),

não pensava somente nos tantos “idiomas” das regiões da Itália, mas, com certeza, também nas diferenças entre a maneira de falar dos homens e das mulheres (cap. XIV), dos velhos e dos jovens (cap. IX), das distintas profissões (cap. VII) e, evidentemente, dos estilos (Liber II).

Como exemplo de dimensões e parâmetros, cabível trazer a distinção feita por Thun (2005, p. 71), no tocante ao *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU*: dialingual (espanhol x português), diatópica – topostático (A x N), diatópico-cinética (topostático x topodinâmico), diastrática (classe alta x classe baixa), diageracional (geração I x geração II), diassexual (homens x mulheres), diafásica (respostas x leitura x conversa livre), diarreferencial (fala “objetiva” x fala metalinguística).

6. Metodologia

Descreveremos e analisaremos as respostas às perguntas do questionário elaborado. Ao todo, serão inquiridos 40 informantes, quatro entrevistados nos dez pontos estabelecidos, um homem e uma mulher de 30 a 50 anos, e um homem e uma mulher de 60 a 80 anos, com, no máximo, o nível fundamental I de escolaridade. Seguindo com transcrição grafe-mática, análise dos dados e cartografia das lexias mais destacadas pela representatividade do falar regional, frequência e riqueza da variação lexical.

Os pontos a serem investigados são os municípios integrantes da *Rota do Café*, dez cidades distribuídas pelo Norte Pioneiro e Norte Central do Estado do Paraná, conforme mapa ilustrativo encontrado no site da rota⁶¹. A seguir, elencamos informações acerca dos municípios encontradas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE⁶².

⁶¹ Disponível em: <<http://www.rotadocafe.tur.br/pt/atrativos.php>>. Acesso em: 17-08-2014.

⁶² Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=41&search=parana>>. Acesso em: 19-08-2014.



Mapa 1 – Cidades que compõem a Rota do Café no Norte do Paraná.

Fonte: site da Rota do Café

6.1. Ribeirão Claro

Os ribeirão-clarenses, com população estimada em 10.952 habitantes, ocupam uma área territorial de 629.223 km².

Os primeiros habitantes da região foram agricultores e colonizadores procedentes dos estados de *São Paulo*, *Minas Gerais* e *Rio de Janeiro* (grifo nosso), que se estabeleceram à margem esquerda do rio Itararé, formando ali, uma povoação que recebeu a denominação de Maria Ferreira, em território então pertencente ao município de São José da Boa Vista.

6.2. Cambará

Os cambaraenses, com população estimada em 25.051 habitantes, ocupam uma área territorial de 366.174 km².

Em 1904, Alexandre Domingos Caetano, conhecido também, por Alexandre Dutra, e Francisco Moreira, estabeleceram-se às margens do Rio Alambari, dando início aos trabalhos preparatórios para a instalação de um povoado. A notícia da fecundidade das terras próprias para as lavouras de café, algodão, cana-de-açúcar, arroz etc., atraiu para o local

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

novos moradores, inicialmente grande contingente de *paulistas e mineiros*, conforme Aguilera (1996, p. 19).

A partir dessa época, a localidade já era conhecida como núcleo de colonização, com a denominação de Alambari, nome do ribeirão que banhava a região.

6.3. Santa Mariana

Os santa-marianenses, com população estimada em 12.496 habitantes, ocupam uma área territorial de 427.193 km².

Formou-se em 1934 um pequeno povoado em terras pertencentes a Francisco Junqueira, o qual se foi aos poucos desenvolvendo, com a afluência constante de forasteiros de diversas procedências atraídos pela fertilidade do solo, vieram, como *paulistas e mineiros* (descendentes de camponeses europeus, principalmente *italianos*). Mais tarde, *cariocas, baianos, cearenses, japoneses e sírio-libaneses*.

6.4. Uraí

Os uraienses, com população estimada em 11.711 habitantes, ocupam uma área territorial de 237.810 km².

As terras onde hoje se localiza o município pertenciam à Companhia Nambei Tochi Kabushiri Kaisha, e faziam parte do território do município de Assaí.

Em maio de 1936, um grupo de colonos *japoneses* liderados por Manjiro Watanabe, então gerente da referida Companhia, chegou à região e deu início, ali, à formação de um povoado que recebeu a denominação de Colônia Pirianito e que, graças à fertilidade de suas terras e ao trabalho dinâmico de seus colonizadores, teve rápido desenvolvimento.

6.5. Ibiporã

Os ibiporanenses, com população estimada em 51.802 habitantes, ocupam uma área territorial de 297.742 km².

Os primeiros habitantes do atual município de Ibiporã apontaram ali em 1934. Até então, a localidade era inteiramente desabitada, porém,

a zona abrangida pelo próprio município de Ibiporã, às margens do Rio Tibagi, no norte do Paraná, foi visitada e conhecida por povoadores e colonizadores brancos, pelos menos a partir da segunda metade do séc. XIX. Essa colonização teve origem na abertura de uma picada que o Barão de Antonina mandou abrir, a fim de facilitar os transportes para o Mato Grosso através dos Rios Tibagi, Paranapanema, Ivinhema e Brilhante.

É importante mencionar que os irmãos Beltrão, Francisco e Alexandre, foram responsáveis por todo o planejamento e execução definitiva da cidade de Ibiporã. Que logo passou a receber imigrantes de origem *italiana, árabes, russa, japonesa, espanhola, portuguesa e búlgara*, além de migrantes, provenientes em sua maioria dos Estados de *Minas Gerais e Espírito Santo*.

6.6. Cambé

Os cambesenses, com população estimada em 103.036 habitantes, ocupam uma área territorial de 494.870 km².

Em 1925, a Companhia de Terras Norte do Paraná adquiriu uma área de 515 mil alqueires de matas nativas, equivalentes a 14% do total do Estado, de solo fértil e pronta para ser colonizada. Somaram-se a essas vantagens o incentivo à imigração e a difícil situação econômica do Ocidente, que criaram condições necessárias para ocorrência de uma corrente migratória para a América.

Assim chegaram os pioneiros de Cambé, alemães oriundos da cidade de Dantzig atual Gdansk, na Polônia, tornada independente após a 1ª Guerra Mundial. As primeiras 10 famílias chegaram à futura colônia de Nova Dantzig em janeiro de 1932. O nome foi escolhido pela Companhia de Terras, que previu para Cambé a vinda de um grande número de pessoas de Dantzig. Por causa do clima tropical a que não estavam acostumados, e, devido à flora e fauna estarem intocadas, enfrentaram muitas dificuldades para iniciar a colonização.

Mas, atraídos pela fertilidade das terras, vieram em seguida *japoneses, italianos, eslovacos, portugueses, alemães, espanhóis, libaneses*, além de *paulistas e nordestinos*. O norte do Paraná, afinal, significava a oportunidade de reiniciar vida nova em um ambiente fértil e promissor.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

6.7. Rolândia

Os rolandenses, com população estimada em 62.590 habitantes, ocupam uma área territorial de 459.024 km².

A cidade de Rolândia foi fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da Paraná Plantation Ltda., cujos donos eram ingleses. No dia 29 de junho de 1934, iniciou-se a construção da primeira casa no perímetro urbano, o Hotel Rolândia. Daí para frente as construções se sucederam e uma próspera vila emergiu no local da mata.

A fama da fertilidade da "terra toxa" se espalhou por todos os rincões do país e o Norte do Paraná ficou sendo conhecido como a Canaã Brasileira. Logo, *mineiros, paulistas, nordestinos e filhos de imigrantes alemães radicados em Santa Catarina e Rio Grande do Sul* estavam povoando e construindo Rolândia. Dos imigrantes estrangeiros que colaboraram para o desenvolvimento de Rolândia, destacam-se *japoneses, alemães, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, húngaros, suíços, poloneses, tchecos, austríacos*, entre outros.

6.8. Londrina

Os londrinenses, com população estimada em 543.003 habitantes, ocupam uma área territorial de 1.653.075 km².

Atendendo a um convite do governo brasileiro – que sabia do interesse dos ingleses em abrir áreas para o cultivo de algodão no exterior – chega a Missão Montagu, chefiada por Lord Lovat, técnico em agricultura e reflorestamento. Lord Lovat ficou impressionado com a exuberância do solo norte-paranaense e acabou adquirindo duas glebas para instalar fazendas e máquinas de beneficiamento de algodão, com o apoio da *Brazil Plantations Syndicate*, de Londres.

O empreendimento fracassou, devido aos preços baixos e à falta de sementes sadias no mercado, obrigando a uma mudança nos planos. Foi criada, assim, em Londres, a Paraná Plantations e sua subsidiária brasileira, a Companhia de Terras Norte do Paraná, que transformaria as propriedades do empreendimento frustrado em projetos imobiliários.

Tal empreendimento, associado à expansão da rede ferroviária, deu início a um dos maiores movimentos migratórios de que se tem notícia no Brasil, atraindo pioneiros *paulistas, mineiros, nordestinos, sul pa-*

ranaenses, além de japoneses, alemães, poloneses, italianos, sírios, libaneses, espanhóis e portugueses. (AGUILERA, 1996, p. 26)

6.9. São Jerônimo da Serra

Os jeronimenses, com população estimada em 11.570 habitantes, ocupam uma área territorial de 823.774 km².

A colonização dos sertões onde se localiza o município teve origem na abertura de uma picada que o Barão de Antonina mandou fazer, a fim de facilitar o transporte para o Mato Grosso ligando com as vias fluviais Tibagi-Parapanema-Ivinheima-Brilhante. A expedição era comandada pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes, dela fazendo parte os missionários capuchinhos Frei Timóteo de Castelnuovo e Frei Luiz de Cemitille, que acamparam no lugar denominado Jataí, o qual passou a ser sede da Colônia Militar. Antes disso, era povoado por indígenas da tribo caingangue (AGUILERA, 1996, p. 26).

6.10. Tamarana

Os tamaranaenses, com população estimada em 13.518 habitantes, ocupam uma área territorial de 472.155 km².

As primeiras movimentações na região ocorreram por conta de "safristas", entre os anos de 1915 a 1925 quando *safristas vindos do Sul de São Paulo e do Norte Velho* do Estado paranaense iniciaram a criação de porcos na região. Mais tarde vieram imigrantes *japoneses e britânicos*. Dentre eles encontrava-se o pioneiro Evaristo Camargo que construiu uma capelinha para o São Roque, seu santo protetor, ao redor desta capela foi surgindo um agrupamento de casas, que mais tarde atraiu os tropeiros vindos da região do Tibagi, São Jerônimo da Serra e outras regiões.

No âmbito do ALiB, foram utilizados os questionários fonético-fonológico – QFF, semântico-lexical – QSL e morfossintático – QMS. Verificamos que o QSL, com 202 questões, de orientação basicamente onomasiológica e de interesse diatópico, tem por objetivo a documentação do registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Em nossa pesquisa, elaboraremos questionário a partir de estudos já publicados e dos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (2001) e *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994).

As entrevistas serão realizadas diretamente pelo pesquisador, em cada localidade pré-determinada, ocasião em que será aplicado o questionário e solicitado um relato de experiência pessoal.

Para tanto, serão usados um notebook, um gravador, uma câmera fotográfica/filmadora para registrar a fala do informante, e sua imagem/fotografia para que possamos, além de identificá-lo, verificar os traços étnicos.

Para as cartas lexicais serão selecionados os vocábulos pela representatividade do falar regional e pela riqueza da variação lexical.

7. Considerações finais

Pretendemos, com a análise dos dados, inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores de Minas Gerais, São Paulo, Itália, Alemanha e Japão, dentre outros, analisando a fala dos mais idosos e o que permanece na fala dos mais jovens.

Por fim, a contribuição deste trabalho é para a descrição da língua portuguesa falada nesta região do Paraná. Esta comunicação se constitui de um recorte da pesquisa em que pretendemos discutir a metodologia e a fundamentação teórica adotadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998.

_____. *Atlas linguístico do Paraná: apresentação*. Londrina: UEL, 1996.

_____; ALTINO, F. C. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. In: *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), vol. 56, nº 3, São Paulo, p. 871-889, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20-09-2014.

ALMANAQUE Abril, ano 37. São Paulo: Editora Abril, 2011.

ALTINO, F. C. Estudos dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, vol. 12, n. 1, p. 33-63, jul. 2009. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4176/4594>>. Acesso em: 20-09-2014.

BARBOSA-DOIRON, M. P. Ocorrências lexicais para redemoinho no falar paulista: um estudo dialetológico. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, vol. 13, n. 2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4787/6969>>. Acesso em: 28-02-2014.

BASSI, A.; MARGOTTI, F. W. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná – o *ALERO*: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo. In: *Anais do CELSUL 2008*. GT – estudos geolinguísticos no Brasil, p. 01-17. Disponível em:

<http://www.celsul.org.br/Encontros/08/atlas_linguistico_etnografico.pdf>. Acesso em: 20-09-2014.

COMITÊ Nacional do Projeto ALIB. *Atlas linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: *El hombre y sulenguaje*. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987, p. 79-117.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades. Paraná. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=41&search=parana>>. Acesso em: 19-08-2014.

ISQUERDO, A. N. A vitalidade do “cuitelo na Região Sul do Brasil: um estudo com base em dados de atlas rurais e urbanos de diferentes domínios. In: ALTINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

PROJETO Atlas Linguístico do Brasil – ALIB. Metodologia. Rede de pontos. Região Sul. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-sul.jpg>>. Acesso em: 10-05-2014.

RAZKY, A. A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659/14016>>. Acesso em: 20-09-2014.

_____ et al. Variação de pessoa sovina nos dados do Atlas Geossociolinguístico do Pará. In: ALTINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, vol. 13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388/13897>>. Acesso em: 28-02-2014.

ROTA do Café – Norte do Paraná. Projeto de Turismo Norte Paranaense – SEBRAE/PR. Disponível em: <<http://www.rotadocafe.tur.br/index.php>>. Acesso em: 17-08-2014.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.